

---

## LITERATURA AMAPAENSE E COMUNICAÇÃO: A DIVULGAÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS E ESCRITORES REGIONAIS NOS PORTAIS DE NOTÍCIAS E JORNAIS ONLINE DO ESTADO DO AMAPÁ<sup>1</sup>

*AMAPÁ LITERATURE AND COMMUNICATION: THE DISSEMINATION OF LITERARY WORKS AND REGIONAL WRITERS IN NEWS PORTALS AND ONLINE NEWSPAPERS IN THE STATE OF AMAPÁ*

74

**Rafael Campos Santiago**

Técnico em Publicidade, IFAP *Campus* Santana-AP.

[rfsantiago25@gmail.com](mailto:rfsantiago25@gmail.com)

**Poliana Macedo de Sousa**

Doutora em Desenvolvimento Regional, Jornalista e Professora do IFAP *Campus* Santana-AP.

[poliana.sousa@ifap.edu.br](mailto:poliana.sousa@ifap.edu.br)

---

### Resumo

Esta pesquisa foi desenvolvida com o fito de analisar a divulgação da literatura amapaense no período de 28 agosto de 2017 a 28 de agosto 2022 pelos portais de notícias e jornais online do Amapá visando difundir o conhecimento literário entre a população estadual, oportunizar a divulgação dos escritores locais e, conseqüentemente, contribuir para uma sociedade leitora e consciente de suas origens. Para isso, utilizamos da bibliografia, análise de conteúdo e abordagens qualitativas e quantitativas abrangendo o tema proposto.

**Palavras-chave:** Cultura; Jornalismo Cultural; Literatura Amapaense; Amapá; Meios de comunicação

### Abstract

*This research was developed with the aim of analyzing the dissemination of literature from Amapá in the period from August 28, 2017 to August 28, 2022 by the news portals and online newspapers of Amapá, aiming to disseminate literary knowledge among the state population, provide opportunities for the dissemination of writers and, consequently, contribute to a society that reads and is aware of its origins. For this, we used the bibliography, content analysis and qualitative and quantitative approaches covering the proposed theme.*

**Key words:** Culture; Cultural Journalism; Amapaense Literature; Amapá; Media.

---

<sup>1</sup> Artigo desenvolvido para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) - Primeiros Projetos/IFAP e resumo simples premiado no Congresso Amapaense de Iniciação Científica – IX Conaic.

## INTRODUÇÃO

O Amapá (AP) é um território extremamente rico em diversidade cultural. Desmembrado do Pará em 13 de setembro de 1943, durante o governo de Getúlio Vargas - conforme a lei nº 5.812 – sua criação foi vista por uma perspectiva política e estratégica. Contudo, 79 anos após esse acontecimento, o AP, assim como muitos estados da Região Norte, é tratado em inconformidade se comparado a outras regiões do Brasil. O conhecimento sobre a cultura amapaense é escasso. Desse modo, os escritores locais enfrentam extrema dificuldade para a manutenção de suas atividades.

A literatura amapaense está extremamente atrelada ao seu desdobramento, os primeiros escritores retratavam o seu espanto e admiração com o progresso do estado. Entretanto, apesar do sentimento de ufanismo que permeava a população local, críticas sobre a consequência do desenvolvimento eram encontradas facilmente, como no poema “Velha praça” de Arthur Nery Marinho (Cavalcante, 2018). No Amapá, atualmente, existem diversos portais de notícias e jornais online, sendo os mais populares: Portal G1 Amapá que pertence à Rede Amazônica – afiliada da TV Globo – Amapá Digital, Portal Seles Nafes e Diário do Amapá.

A partir dos meios de comunicação citados, utilizamos a análise de conteúdo, bibliografia e as técnicas qualitativas e quantitativas no desenvolvimento desta pesquisa visando classificar as matérias publicadas acerca da temática proposta e, com isso, identificar os principais fatores que afetam a divulgação da literatura amapaense. Ademais, este artigo tem o fito de verificar a propagação das obras regionais nos portais de notícias e jornais online no período de 28 de agosto de 2017 a 28 de agosto de 2022. Paralelamente, procuramos catalogar quantos e quais assuntos relacionados a essa temática são difundidos pelos portais de notícias e jornais online do AP, os principais assuntos relacionados a esse tema no que tange à divulgação nesses veículos de comunicação e compreender a importância dela nas mídias online como um vetor do desenvolvimento e reconhecimento da cultura local.

Em suma, esta pesquisa abordará os resultados dessa análise e será embasada em termos como cultura, Jornalismo Cultural e a própria literatura. Logo, para uma análise inicial, é necessária uma discussão sobre o que é cultura, qual a sua relevância para as sociedades de diferentes épocas e a evolução da concepção sobre ela, haja vista que a literatura é o pensamento do homem sendo expressado de acordo com o contexto histórico em que ele vive e a cultura é indispensável para todo o processo de produção literária.

## REVISÃO DE LITERATURA

## O que é cultura?

Antes de abordamos a literatura em si, inicialmente, precisamos discutir o conceito de cultura. A ideia mais difundida sobre a sua definição é a de “representação dos costumes e tradições de um povo”. Todavia, ela é muito mais abrangente e complexa do que parece. Assim, “Cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos” (Santos & José, 1983, p. 8).

As particularidades históricas de cada nação permitem que diferentes formas de expressão se perpetuem, e elas, por consequência, refletem esse caráter histórico do povo. Por esse motivo, Santos (1983) afirma que cada cultura é o resultado de uma história particular de um povo, e isso abrange a relação com outros tipos de culturas – as quais se diferem entre si.

Devido ao fato de o conceito de cultura não ser um consenso, diversos pensadores desenvolveram definições que ampliam a atuação e a compreensão sobre ela:

Malinowski entendia cultura como um sistema de adaptação do homem à natureza; Marcel Mauss a via como um fato social total; de forma sintética, para Habermas, cultura, como ação comunicativa, é toda forma de ação mediada simbolicamente; para Lévi-Strauss, é um sistema classificatório simbólico inconsciente; para Edmund Leach, é comunicação; enquanto para Marshall Sahlins, além de ordens de significados de pessoas e coisas, é uma forma de mediação entre o homem e a natureza. (Siqueira & Siqueira, 2007, p. 5).

A relação entre as diferentes formas de expressões, como dito anteriormente, não são iguais, assim, a maneira como elas interagem entre si também não é. Por conseguinte, “As culturas e sociedades humanas se relacionam de modo desigual. As relações internacionais registram desigualdades de poder em todos os sentidos, os quais hierarquizam de fato os povos e nações” (Santos, 1983, p. 17). Nessa perspectiva, a comparação entre culturas, pode ser feita de duas formas distintas.

A primeira diz respeito à hierarquização, Santos (1983) define esse modo de análise como a categorização segundo algum critério – como, por exemplo, ao analisar a capacidade de produção material de um determinado povo, pode-se dizer que uma cultura é mais avançada que outra. No entanto, ele afirma que não existe superioridade ou inferioridade entre culturas e que não há nenhuma lei natural que embase tal pensamento.

Na segunda forma de equiparar culturas, avalia-se critérios a partir da própria cultura, ao invés de hierarquizá-la, ocorre uma relação de imposição:

Na segunda possibilidade de relacionar diferentes culturas, nega-se que seja viável fazer qualquer hierarquização. Argumenta-se aqui que cada cultura tem seus próprios critérios de avaliação e que para uma tal hierarquização ser construída é necessário subjugar uma cultura aos critérios de

outra. (Santos, 1983, p. 13).

Nota-se, assim, que todo processo avaliativo de observação de um povo é de fato cultural, isto é, ao analisarmos uma determinada região, o processo da própria avaliação está atrelado à cultura do observador, uma vez que, para Santos, essas preocupações surgiram a partir do progresso da sociedade e conhecimento de novas técnicas de dominação e que o poder está concentrado, justamente, nas mãos de uma classe predominante.

Nesse prisma, é necessário enfatizar as variedades presentes nos aspectos que permeiam às nações. A cultura não é estática, pelo contrário, ela se modifica, e juntamente com ela a sociedade também evoluiu. Atestando isso, Branco et al. (2006, p.2) afirmam que “A cultura em si mesma possui mobilidade e não pode ser condenada ao imobilismo” e que “As culturas preveem, inexoravelmente, continuidade e transmutações”. Logo, a sociedade contém a cultura e, paradoxalmente, a cultura também contém a sociedade.

A cultura mantém relações complicadas com a sociedade de que faz parte. Ela é produto dessa sociedade, mas também ajuda a produzi-la, tanto porque está ligada à manutenção de concepções e de formas de organização e de vida, quanto porque está ligada à transformação destas. (Santos, 1983, p. 65).

Esse cenário de transformações ocorre, sobretudo, pela globalização – que permite o contato entre diversas regiões ocasionando, assim, uma mistura entre elas e podendo até mesmo ocasionar a sobreposição de determinada cultura. Tal possibilidade suscitou ações da Organização das Nações Unidas (ONU) com o escopo de preservar a diversidade cultural. A respeito da Globalização, pode-se afirmar que:

Ela apresenta duas faces bem visíveis. Uma delas, a “face luminosa”, permite a configuração de um sistema civilizatório, que preconiza igualdade de condições a aplicações tecnológicas e a informações em todos os níveis, para as diferentes sociedades. A segunda, a “face obscura”, age como instrumento desagregador de fronteiras nacionais e da soberania nacional, agravando problemas de desemprego e a incidência de miséria, sobretudo, nos países do Terceiro Mundo. (Branco et al., 2006, p.2)

Outrossim, a heterogeneidade cultural precisa ser refletida. A diversidade cultural acompanha as diferenças da história humana e registra as formas distintas de como dominamos a natureza. Logo, “as culturas movem-se não apenas pelo que existe, mas também pelas possibilidades e projetos do que pode vir a existir” (Santos, 1983, p. 20).

É necessário, ainda, analisar a própria evolução do conceito sobre o que é cultura. Santos (1983, p. 27) informa que, a princípio, cultura retratava atividades agrícolas, uma vez que, no que tange à etimologia, essa palavra vem do verbo latino *colere* cujo significado é “cultivar”. Com o

passar do tempo, o entendimento sobre cultura passou a se confundir com o de civilização – ocasionado, portanto, confusões sobre seu uso. Assim, entende-se que:

Até que o uso moderno de cultura se sedimentasse, cultura competiu com a ideia de civilização, muito embora seus conteúdos fossem frequentemente trocados. Assim, ora civilização, ora cultura serviam para significar os aspectos materiais da vida social, o mesmo ocorrendo com universo de ideias, concepções, crenças. (Santos, 1983, p. 35).

Torna-se necessário, então, estabelecer distinções entre esses dois conceitos. Desse modo:

Com o passar do tempo, cultura e civilização ficaram quase sinônimas, se bem que usualmente se reserve civilização para fazer referência a sociedades poderosas, de longa tradição histórica e grande âmbito de influência. Além do mais, usa-se cultura para falar não apenas em sociedades, mas também em grupos no seu interior, o que não ocorre com civilização. (Santos, 1983, p. 35).

Em suma, pode-se compreender cultura – a partir da concepção de Santos (1983) – como o entendimento da dimensão que envolve a compreensão de uma sociedade, abrangendo sua integralidade, bem como as maneiras de expressão desses conhecimentos, os processos de simbolização, sua condensação, processamento e acúmulo de experiência. Ademais, a cultura representa as tendências de conflitos, processos e história de um povo, sendo, assim, um produto coletivo cujos benefícios e malefícios transformam as populações, podendo, também, ser dividida em diversas áreas: cultura popular – busca entender o pensamento e ações das populações mais pobres de uma sociedade –; erudita – abrange as classes mais altas –; nacional – cultura comum a todos os habitantes de um país, além de outras diversas formas de expressões culturais que podem ser encontradas em uma determinada região.

### **Jornalismo Cultural**

Dentre as subdivisões do campo jornalístico, o jornalismo cultural (JC) é uma de suas especializações. Ele relata as diversas manifestações culturais – como nas artes plásticas, música, literatura e folclore. Consoante Cerrigato (2015), as primeiras coberturas surgiram por volta do século XVII e XVIII, na Europa, estando diretamente atreladas à literatura, artes e novidades sociais. No Brasil, o seu desenvolvimento está ligado ao folhetim<sup>2</sup>, sendo, então, uma forma atrativa para aumentar as vendas dos jornais e a associação entre jornalismo e literatura. Pode-se dizer que “Trabalhar com jornalismo cultural é trabalhar também com formas de arte, com a esfera do simbólico e paralelamente se reeducar no convívio com esses universos” (Siqueira & Siqueira, 2017, p.3). Ademais, o JC é fruto, sobretudo, da revolução industrial, das aspirações

---

<sup>2</sup> Foi um gênero literário que surgiu em Paris durante a década de 1830. Sua publicação era parcial ou sequenciada em periódicos – como jornais e revistas. Alguns dos principais romances do século XIX, por exemplo, saíram a público nesse formato.

burguesas e dos escritores que buscavam espaço para divulgar suas ideias.

O JC possui um caráter crítico, leva o leitor a refletir sobre a influência da cultura e parâmetros históricos. Logo, o jornalista possui a liberdade para se aprofundar nos assuntos abordados, uma vez que a função dessa área noticiaria é criticar, comentar e analisar obras e artistas. Pizza (2011, p.7) afirma que o jornalismo cultural, atualmente, perdeu seu espaço, ousadia e influência – fazendo com que ele assuma um papel secundário. Outrossim, o autor complementa dizendo que existe uma riqueza de temas dentro dessa área do jornalismo e que, como tudo está vinculado à cultura, é de sua natureza misturar assuntos de diversas linguagens.

Um dos grandes fatores para a perda desse espaço é a grande quantidade de acontecimentos culturais - consequência direta da consolidação da indústria cultural<sup>3</sup> e da cultura de massa<sup>4</sup> em nossa sociedade. Assim, pode inferir que:

O jornalismo cultural não consegue dar conta dessa oferta quantitativa e qualitativa de produtos e acontecimentos culturais. As resenhas se limitam a fazer resumos comentados por meio de alguns adjetivos. As colunas adotaram o tom da crônica, da conversa "engraçadinha", e são em geral escritas por personalidades, não por intelectuais ou jornalistas realmente cultos. (Piza, 2009, p.2).

Nota-se, ademais, que a persistência da preguiça intelectual e a busca por rapidez também contribuem para a manutenção desse óbice:

Apesar da explosão de mídias e acervos, as pessoas continuam ou estão cada vez mais preguiçosas intelectualmente, apressadas demais para ler algo que tenha mais que quatro parágrafos ou trate de assuntos que exigem dos miolos. Mas sempre foi assim e a tarefa do grande jornalismo cultural é exatamente contrapor esse conformismo, seduzir o leitor e fazê-lo pensar sob diferentes ângulos. (Piza, 2009, p.2).

Entre as características do JC podemos destacar a sua regularidade cultural. Com isso, dizemos que, inicialmente, ele busca a democratização do conhecimento. Cerrigato (2015) informa que os avanços tecnológicos e a disseminação da imprensa são fatores que contribuiriam para esse objetivo. Além disso, pode-se afirmar que o jornalismo cultural combate estereótipos e distorções da identidade cultural:

O jornalismo cultural surge com o "ofício" de mediar o conhecimento e torná-lo mais próximo e familiar do maior número de pessoas. O que antes era restrito e acessível a uma elite, começa a circular por outras camadas sociais. Essa regularidade é fundamental até nos dias de hoje, mas é preciso rechaçar uma linguagem elitista e aristocrática. (Cerrigato, 2015, p.5)

<sup>3</sup> Está diretamente ligada ao consumo. Designa-se cultura de massa como o processo de produção de bens culturais – livros, músicas, teatro, entre outros – com o objetivo de satisfazer os propósitos capitalistas pela arte e cultura.

<sup>4</sup> Utiliza os bens culturais como produtos.

Outra regularidade é a sua busca pelo caráter reflexivo, como abordado anteriormente, o jornalismo cultural analisa, critica e comenta sobre obras e artistas. Dessa maneira, desde seu nascimento ele se delinea pela análise crítica. Somado a isso, o JC também pode assumir o papel mediador:

Ainda é oportuno colocar para reflexão a importância do jornalista cultural como mediador, pois cabe a ele traduzir uma realidade complexa em formas simbólicas acessíveis, sem que isso empobreça a informação. Cabe ainda a discussão sobre a responsabilidade profissional do jornalista cultural, que deve selecionar o que deve ser conhecido e como deve ser conhecido publicamente. (Cerrigato, 2015, p.7).

Portanto, o jornalismo cultural tem o dever difundir e assegurar a diversidade cultural – bem como a valorização das culturas regionais. Ele está atrelado às manifestações de uma sociedade como, por exemplo, o folclore – contendo, então, uma relação direta com a Folkcomunicação<sup>5</sup>. Desse modo, sua valorização é imprescindível – não devendo ser resumidas ao entretenimento - e suas regularidades são essenciais para a manutenção do pensamento crítico.

### **Amapá e os meios de comunicação**

O jornalismo no Brasil, sem dúvidas, se desenvolveu de maneira mais acentuada nos grandes centros urbanos. Com o advento das grandes inovações tecnológicas e da globalização, pensava-se que, como afirma Peruzzo (2005), as comunicações locais sumiriam, todavia, houve a sua revalorização e sua consolidação em diferentes contextos de formas distintas, uma vez que, em comparação com os meios nacionais transmissão, a comunicação regional consegue detalhar melhor a vida de determinadas regiões, cidades e municípios. Ademais, as preocupações com as mídias locais surgiram mais pelo “seu lado mercadológico do que pela produção de conteúdo regionalizado. A televisão, por exemplo, explora a diferenciação local como nicho de mercado” (Peruzzo, 2005, p5).

No que tange a Região Norte, podemos encontrar diversos grupos midiáticos, Crepaldi (2005) deu ênfase em quatro: Rede Brasil Amazônia de Comunicação, Organizações Jaime Câmara, Organização Rômulo Maiorana e a Rede Amazônica de Rádio e Televisão. A Rede Brasil Amazônia de Comunicação – criada pelo ex-senador Jader Barbalho em 1982 – possui 1 jornal, 5 rádios, 1 emissora de televisão e 1 retransmissora. As Organizações Jaime Câmara, por sua vez, surgiram em 1935 e possuem 1 jornal (Jornal do Tocantins), 4 rádios e 3 emissoras de TV – as rádios mais ouvidas do Tocantins pertencem a esse grupo e se localizam nas principais cidades do estado.

Já as Organização Rômulo Maiorana, fundada pelo jornalista Rômulo Maiorana em 1946,

---

<sup>5</sup> Desenvolvida pelo professor Luiz Beltrão, em 1967. Esta teoria estuda a comunicação popular e o folclore nos meios de comunicação de massa.

congregam 22 empresas, sendo 1 jornal impresso, 1 jornal on-line, 1 provedor de Internet, 4 rádios, 9 TVs (2 emissoras e 7 associadas), ORM cabo, 1 canal via satélite e uma Fundação. Por fim, a Rede Amazônica de Rádio e Televisão começou em 1969 e atinge os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia e Roraima. Possui 5 geradoras de programação, uma em cada capital destes estados (TV Amazonas, TV Rondônia, TV Roraima, TV Amapá e TV Acre), 5 estações em UHF, 8 minigeradoras (que produzem jornal local), 15 emissoras de televisão afiliadas à Globo, 202 retransmissoras (94 no Amazonas, 32 no Acre, 17 no Amapá, 39 em Rondônia e 20 em Roraima), 4 emissoras de rádio (uma delas repete a programação da Rádio Amazonas) e 1 canal por satélite.

A história da comunicação no Amapá possui alguns obstáculos. Podemos destacar que esse estado é banhado pelo rio Amazonas, possui a maior área ambiental preservada do país e é dono aspectos culturais típicos dessa região como o Marabaixo<sup>6</sup>. Todavia, no âmbito cronologia da mídia há uma grande lacuna.

Há um silêncio teórico e epistemológico sobre a história dos meios de Comunicação no Amapá. Raros historiadores e comunicólogos fazem registros bravos, breves e isolados sobre o que neste Estado brasileiro aconteceu desde o princípio de sua imprensa. (Augusto & Scheibe, 2013, p.1)

Segundo Augusto e Scheibe (2013), o primeiro jornal a surgir no amapá foi o Pinsônia – criado em 1895 por Francisco de Mendonça Junior. A durabilidade desse jornal foi breve, foram apenas três anos, parando de circular em 1898. Em seguida veio o Correio de Macapá, criado em 1915, pelo coronel Jovino Dinoá e que contava com a participação do padre Júlio Maria Lombardi – que escrevia sobre assuntos religiosos. Esse periódico também durou apenas três anos, sua última publicação foi em 1918. Percebe-se, assim, que imprensa amapaense viveu, durante seu período inicial, breves surtos de desenvolvimento. Assim:

A contar desde o início da imprensa, conforme os registros citados nos finais do Século XIX– entre os meios que se fixaram e os de vida breve -, o Amapá já teve aproximadamente 18 jornais impressos, 14 emissoras de rádio e 10 emissoras de TV. Atualmente, o estado do Amapá conta com cinco jornais impressos, diários e semanais; 12 emissoras de rádio, entre elas duas rádios AM; oito emissoras de televisão; três sites; e três blogs reconhecidos. Até o presente momento, 2013, há um número significativo de blogs que têm grande autonomia e reconhecimento, sendo três sites de informações conhecidos, o G1, o Portal Cotidiano e o Amapá Digital. (Augusto & Scheibe, 2013, p.4)

Ampliando essa discussão, nota-se que:

O estado do Amapá está entre os estados brasileiros com menor número de jornais. Por outro lado, está localizado na região norte do país e abriga parte da Amazônia. É válido lembrar que a

---

<sup>6</sup> É uma manifestação cultural de origem africana típica do Amapá que está ligada às comunidades afrodescendentes presentes no estado e ao catolicismo popular. Sua execução inclui dança de roda, canto e percussão.



região Amazônica desperta interesses não só nacionais como também internacionais e faz fronteira com nove países. A região amazônica ganhou maior visibilidade sobretudo nas iniciativas de jornalismo online, autodenominadas como independente. (Rocha & Santos, 2017, p.5).

Analisando o atual momento da imprensa amapaense, o Jornal local ativo com maior tempo de duração, segundo Rocha e Santos (2017), é o Diário do Amapá, um dos escolhidos para análise desta pesquisa. Segundo os autores, esse periódico conta com nove editorias e sua circulação abrange os 16 municípios do estado. Ademais, o estado conta com diversos jornais em atividade, em Macapá, exemplificando essa afirmação, o Diário do Amapá, Aqui Amapá, A Gazeta do Amapá, Jornal do Dia, Jornal O Amapá, Amapá Digital, G1 Amapá e Portal Seles Nafes são alguns dos periódicos em atividade.

Em resumo, a história da mídia no Amapá encontrou diversas dificuldades e muitos periódicos, no seu início, tiveram uma vida breve. Contudo, hodiernamente, os jornais estão cada vez mais presentes na vida da população e, conseqüentemente, há um grande número deles em atividade. Vale ressaltar, ainda, que devido aos grandes avanços tecnológicos o noticiário online tem crescido e vem abrangendo todos os municípios do AP, ocasionando, assim, maior informação e diversidade de notícias.

### **Literatura regional**

Segundo o Plano Estadual do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas do Amapá (PLLLB) “transformar o Amapá num Estado de leitores é uma das principais diretrizes orientadoras de políticas públicas nas áreas de cultura e educação” (Souza, 2018, p. 11). Ainda, conforme o autor, a leitura e o livro não podem ser vistos apenas como um instrumento educacional ou um mero objeto, mas ambos abrangem um aspecto cultural (Souza, 2018).

Nos últimos anos, eventos e projetos foram realizados para disseminar e valorizar a literatura amapaense como expressão da cultura regional. Podemos citar, a título de exemplo, o projeto “Movimento Literário” organizado pelo SESC-AP, a Feira do Livro do Amapá, também conhecida como “Pororoca Literária”, e o Festival Literário de Macapá (FLIMAC). Em contrapartida, os jornais, infelizmente, não dão ênfase à literatura como ocorria anteriormente, como é o caso do Jornal Amapá, que divulgava obras e escritores amapaenses ou radicados no Amapá através de diversos textos publicados. “O Jornal Amapá foi o periódico amapaense que atingiu a mais longa duração na fase de território federal (1943-1988). Foram 1479 edições entre os anos de 1945 a 1968” (Caldas & Souza, 2018, p. 206).

Historicamente, a literatura já obteve grande destaque nos periódicos no Brasil inteiro. Durante o século XIX, os jornais, que eram impressos, tinham espaços reservados para a literatura

e eram extremamente admirados. Contudo, a produção amapaense sofre com a falta de visibilidade e espaço. Faltam programas centrados nesse tema, o que faz com que ela receba atenção em momentos esporádicos. Como exceção, podemos citar o programa de rádio da poeta Maria Ester realizado na Rádio São José (100.5) que é focado, justamente, na literatura regional amapaense. Contudo, poucos são as iniciativas que seguem esse padrão.

Em adição, o atual sistema educacional pouco incentiva a produção literária regional. Batista (2019) afirma que a literatura regional sofre consequências do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): “O Enem prejudicou um pouco a literatura local. Na época do vestibular ainda era possível inserir na bibliografia um escritor ou outro da terra. O exame Nacional acabou com isso” (Batista, 2019). Concordando com essa afirmação, Carla Nobre declara que “O governo, por exemplo, poderia instituir dentro do currículo escolar a literatura amapaense” (Nobre, 2019).

O ensino da literatura, em sua maioria, está mais atrelado a retratar características e a história de determinada escola literária do que o contato com o texto si. Além disso, durante o ensino médio a literatura ainda divide espaço com a disciplina de português – abordando a parte gramatical e de redação. Tal cenário faz com que essa disciplina ocupe um papel secundário no ensino e, se a própria literatura nacional sofre com essa falta de espaço, a literatura regional, então, é mais prejudicada ainda.

Como dito anteriormente, os escritos amapaenses estão diretamente ligados a sua história e podem ser usados para explicá-la:

Se considerarmos o romance amapaense *As Aventuras do Professor Pierre na Terra Tucuju*, da escritora Mari Ester Carvalho, o livro trata de um francês, Pierre, que é professor e mora em Macapá (capital do estado do Amapá). Ao longo do texto, são abordados aspectos históricos sobre a formação da cidade e do principal quilombo local (o Curiaú), retratando, ainda, a construção, pelos escravos, da Fortaleza de São José de Macapá, da Pedra do Guindaste, do Mercado Central, considerando vários períodos sociohistórico, incluindo a Ditadura Militar no Amapá. (Marino et al., 2020, p.139).

Ademais, nossos manuscritos servem como material para a propagação da cultura local e o desenvolvimento do pensamento crítico.

O professor poderia usar contos da literatura amapaense, como “O Bálsamo” do escritor Fernando Canto, e indagar seus alunos sobre as lacunas deixadas ao longo do texto: quem aqueles albinos representavam? Quem os Túnicas de Seda simbolizavam dentro do texto? Podemos fazer uma leitura crítica acerca de aspectos políticos presentes no texto? Além dessas indagações, o conto traz, em sua ambientação, elementos da cultura amazônica, como árvores, costumes, expressões típicas da nossa região. Toda essa construção feita ao longo do texto permite que, durante a leitura, o aluno se reconheça e (re)construa suas identidades no processo de leitura. (Marino et al., 2020, p. 141).

Ao analisarmos os possíveis entraves para esse tema, pode-se perceber que não é por falta de afeição ou desprezo que tal problemática se mantém, pelo contrário, o engajamento nos eventos literários locais é positivo, entretanto, a falta de visibilidade, como dito anteriormente, e a anuência do Estado para tal cenário contribuem para que esse problema continue.

Eu acho que o governo, a prefeitura de Macapá e de todos os municípios cometem um erro gravíssimo em não dar apoio para os escritores. Porque veja, o Rio de Janeiro pode até ser o Rio da violência, dos alagamentos, mas ele sempre vai ser o Rio da garota de Ipanema, e isso quem fez foi um poeta, um verso, uma música, então a literatura tem esse poder de dar toda essa visibilidade para um lugar e os nossos governantes aproveitam pouco essa visibilidade. (Nobre, 2019).

Apesar de todas as dificuldades já citadas, o AP possui um grande e diversificado acervo de obras, além de escritores extremamente talentosos. Atestando isso, Carla Nobre afirma que:

No Amapá, por exemplo, nós temos o Fernando Canto, que pra mim é um dos melhores autores que nós temos aqui. Ele vai no conto, no poema, e é um autor premiado. É um autor que deveria ter mais visibilidade. O Mauro Guilherme e o Fernando Canto lançaram agora dois livros excelentes, que trazem o fantástico dentro das suas temáticas. Cada um dentro do que gosta de escrever, mas você olhando aqueles textos numa análise literária, eu sou professora de teoria da literatura, você percebe o alto nível dos dois e não tem visibilidade. Não há espaço para a leitura desses textos e isso é grave. (Nobre, 2019).

Destarte, é imprescindível a valorização da escrita local, pois através dela a perpetuação de aspectos culturais, bem como o pensamento crítico, pode ser fomentada de modo que a sociedade avance para um estágio de maior sapiência e conheça suas raízes. Além disso, as produções locais possuem influência para caracterizar toda a região e garantir a continuidade da transmissão de sua história através da escrita. Assim, é necessário que essa discussão seja colocada em pauta, bem como o engajamento popular continue crescendo, para que, então, a literatura amapaense encontre o espaço que merece.

## **METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento desse trabalho utilizamos a análise de conteúdo a partir do que estabeleceu Bardin (1997) e a revisão de bibliografia – além de abordagens quantitativas e qualitativas. Assim, durante os meses iniciais do desenvolvimento desta pesquisa, isto é, abril e maio, buscamos fontes que embasassem nossa argumentação durante todo esse processo.

No que diz respeito ao conceito de cultura, nos fundamentamos em Santos (1983) e Branco et al. (2006). Para o jornalismo cultural utilizamos Piza (2004, 2011), Siqueira & Siqueira (2017) e Cerrigato (2015). Ademais, para tratar das mídias no Amapá, utilizamos Peruzzo (2005), Crepaldi

(2005), Augusto & Scheibe (2013) e Rocha & Santos (2017). As abordagens sobre a literatura local apresentamos Souza (2018), Batista (2021), Caldas (2018), Marino et al. (2020), Nobre (2019) e Cavalcante (2018). Além disso, também foram realizados fichamentos com todas as possíveis citações para o momento em que desenvolveríamos a escrita deste artigo.

Após a leitura desses autores, no mês de junho começamos nossa busca por notícias sobre a literatura amapaense no período de 28 de agosto de 2017 a 28 de agosto de 2022. Deste modo, selecionamos 169 reportagens distribuídas entre os quatro sites e portais selecionados para nossa pesquisa, sendo eles: Diário do Amapá, portal G1 Amapá, portal Seles Nafes e Amapá Digital. No mês de julho de 2022 começamos a produção da escrita deste artigo – especialmente, a parte sobre cultura.

Por fim, a partir de agosto começamos a tratar os dados para encontrar os principais temas e notícias sobre a literatura regional amapaense. Assim, após a revisão de todas as reportagens catalogadas, separamos todos os principais temas, ou os que possuíam similaridades, elaboramos gráficos e toda para o restante do artigo – além da revisão de toda a parte escrita.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mormente, insta salientar que, do total de reportagens coletadas sobre o lançamento de obras literárias no Amapá, temos que em Macapá concentra 96,6% desse quantitativo, seguido dos municípios de Santana e Oiapoque com 1,36% cada e o município de Bailique com 0,68%. Assim, introduziremos os resultados a partir da história e análise de cada um dos sites selecionados, seguindo o critério da quantidade de reportagens encontradas, para o prosseguimento dessa pesquisa. O site Diário do Amapá foi o que mais se destacou no que diz respeito à quantidade de reportagens catalogadas. A história desse meio de comunicação surge quando ele substitui o jornal Nova Fronteira em 1º de janeiro de 1993 – por iniciativa do jornalista Luiz Melo, seu atual proprietário. Das 169 reportagens encontradas no período de corte desse projeto, 95 foram nesse site. Desse modo, o Diário do Amapá concentra 66% de todo o material encontrado, um destaque extremamente positivo. Ademais, 5,26% das reportagens abordam sobre eventos culturais, 4,22% correspondem a entrevistas e 90,52% sobre lançamento de obras.

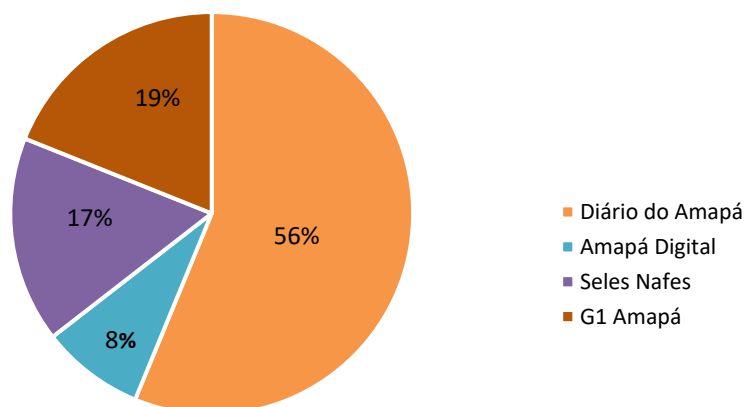
Já o portal G1 iniciou suas atividades no dia 18 de setembro de 2006 e foi a primeira iniciativa da Globo desenvolvida para o meio digital. Dessa forma localizamos 32 reportagens, o que corresponde a 19% do total. Além disso, os principais temas foram: Lançamento de escritos - 62,5%, promoção de eventos com 28, 12% e 9,37% para doações de livros.

Dando sequência, Seles Nafes é um jornalista paraense que vive no Amapá, ele é ex-

apresentador da Rede Amazônica, foi âncora do APTV - também da Rede Amazônica - e CEO do portal SelesNafes.com criado em dezembro de 2013. Em nossa busca pelo portal, encontramos 28 reportagens que se encaixam na proposta dessa pesquisa – contendo, então, 17% do total de notícias selecionadas. Os principais temas são: Promoção de eventos com 3,57%, entrevistas correspondem a 7,14% e lançamento de obras assumem as principais exposições, cerca de 89,29%.

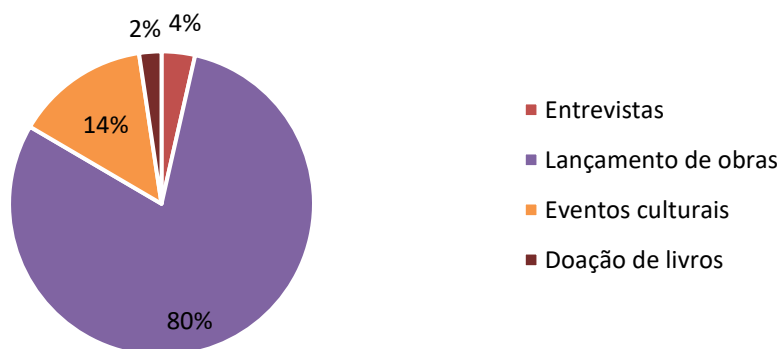
No que diz respeito ao Amapá Digital que, desde 2002, informa sobre os acontecimentos no estado em editorias como Cidade, Cultura, Variedades e saúde. Encontramos 14 notícias, correspondem a 8% do total coletado, e os principais temas são: Promoção de eventos com 14,28% do total e 85,72% sobre lançamento de livros.

A partir dos dados apresentados, pode-se construir o seguinte panorama:



**GRÁFICO 1 – Distribuição das reportagens encontradas na pesquisa.**  
Fonte: Autores, 2022.

Ademais, ao analisarmos os principais temas, pode-se perceber o seguinte cenário:



**GRÁFICO 2 – Principais temas abordados acerca da literatura na mídia amapaense.**  
Fonte: Autores, 2022.

Portanto, em sua maioria, a divulgação da literatura amapaense nos meios de comunicação digitais está atrelada, principalmente, à divulgação de novas obras literárias e de seus autores.

Contudo, é necessário frisar que em alguns dos portais a literatura regional se confunde com a nacional, havendo, assim, uma mistura de notícias – o que causa dificuldade e confusão na hora de acessar esse conteúdo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa, buscamos discutir a importância da literatura amapaense bem como a sua divulgação nos portais de notícias e jornais online do estado do Amapá. A partir dos dados apresentados, nota-se que, apesar de todas as dificuldades já abordadas, a literatura regional tem um grande quantitativo de obras lançadas nos últimos cinco anos – principalmente por professores da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) - e aborda diversos gêneros literários como romance, contos ligados à Amazônia, e terror. Outrossim, eventos culturais com participação de autores locais não são raros.

Contudo, a falta de incentivo e divulgação desses escritores de maneira mais intensa são entraves que dificultam a publicização de suas obras, a quantidade de entrevistas encontradas foi mínima, apenas 4%, e a maioria das reportagens são release, ou seja, tratam-se de notícias enviadas à imprensa, não sendo, então, produzidas diretamente por ela. Soma-se a isso o fato de que as escolas não possuem uma matéria específica para a literatura amapaense e, muitas vezes, a falta de discussão sobre o assunto é evidente, contribuindo, assim, para a manutenção desse revés. Portanto, insta salientar que o apoio aos autores e a divulgação de seus livros são caminhos para a perpetuação e propagação da literatura regional amapaense nas próximas gerações.

## REFERÊNCIAS

- Augusto, I. R. & Scheibe, R. (2013). Por uma conversão do olhar: Desbravações epistemológicas no Amapá. *Jornal Alcar*. Rio Grande do Sul. Ano II (9), Agosto.
- Bardin, L. (1997). *Análise de conteúdo*. Editora Edições 70 – Grupo Almedina. Lisboa.
- Batista, P. (2021). *A Literatura Amapaense está jogada às traças*. Recuperado de: <https://picancobatista.medium.com/a-literatura-amapaenseest%C3%A1-jogada-%C3%A0s-tra%C3%A7as-bef0be02cab>.
- Branco, S.C., Targino, M. G. & Gomes, A. D. (2006). Jornalismo Cultural: realidade ou idealização? *In: VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília*.
- Cerigatto, M. P. (2015). O papel do jornalismo popular e a relação com a cultura popular. *Revista Extraprensa (USP)*. São Paulo, Anexo IX (17), julho – dezembro.
- Crepaldi, L. (2005). Grupos Midiáticos do Norte Brasileiro: Processos de Regionalização,

Nacionalização e Internacionalização. *In: Eventos especiais III – Intercom Júnior*. São Paulo.

Marino, F., Cardoso, J. L. & Latties, L. (2020). Entre letramentos e a construção de identidades: o texto literário amapaense nas aulas de língua portuguesa. *Revista Working Papers em Linguística*, 21 (2).

Nafes, S. (2019). *Literatura amapaense deveria estar no currículo escolar, diz Carla Nobre*. Recuperado de: <https://selesnafes.com/2019/04/literatura-amapaense-deveria-estar-no-curriculo-escolar-diz-carla-nobre/>.

Peruzzo, C. M. K. (2015). Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. *Revista Comunicação e Sociedade*. São Bernardo do Campo. Ano 26 (43), p. 67-84.

Piza, D. (2004). *Jornalismo Cultural*. (2. Ed.). Editora Contexto. São Paulo.

Piza, D. (2009). Existe público, sim. *Revista Desenredos*. Teresina, PI, Ano I (2), setembro – outubro.

Rocha, P. M. & Santos, A. S. (2017). A imprensa regional e o jornalismo praticado na região amazônica no Brasil: análise do jornal “Diário do Amapá”. *Revista Comunicación, igualdad y desarrollo*, 7 (Especial).

Santos, J. L. (1983). *O que é Cultura?*. Editora Brasiliense. São Paulo.

Siqueira, D. C. O. & Siqueira, E. D. (2007). A cultura no jornalismo cultural. *Revista Líbero*. Ano X (19), junho.

#### Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 20/11/2022

Received on November 20th, 2022

Aprovado em: 15/12/2022

Accepted on December 15th, 2022

Publicado em: 30/12/2022

Published on December 30th, 2022

**Conflitos de Interesse:** Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

**Conflict of Interest:** None reported.

**Avaliação do artigo:** Artigo avaliado por pares.

**Article Peer Review:** Double review.

**Agência de Fomento:** Não tem.

**Funding:** No funding.

#### Como citar este artigo / How to cite this article

##### APA

Santiago, R. C. & Sousa, P. M. (2022). Literatura Amapaense e Comunicação: a divulgação de obras literárias e escritores regionais nos portais de notícias e jornais online do estado do Amapá. *Rev. Mult. Amapá - REMAP*, 2 (2), 74 - 88

##### ABNT

SANTIAGO, R. C.; SOUSA, P. M. Literatura Amapaense e Comunicação: a divulgação de obras literárias e escritores regionais nos portais de notícias e jornais online do estado do Amapá. *Rev. Mult. Amapá - REMAP*, Macapá, v. 2, n.2, 2022.



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.